

SAINDO DO SÉCULO XIX E ENTRANDO NO XXI

LALA DEHEINZELIN

Éis aqui uma notícia que deveria estar em manchete nos jornais, trazida por Wang Xingquan, da Shanghai Academy of Social Sciences: neste ano, e como consequência da crise financeira, a economia criativa passou a ser a estratégia número 1 de desenvolvimento da China! Sábia decisão: por se tratar de economia baseada em recursos que não apenas não se esgotam, mas se renovam e se multiplicam com o uso, a economia criativa é uma das únicas soluções possíveis para um futuro sustentável. Afinal, os recursos naturais são finitos, mas cultura, conhecimento e criatividade são recursos infinitos – ainda mais se aliados aos infinitos bits das novas tecnologias.

ILUSTRAÇÃO LUCIANE STOCCO

Enquanto isso, por aqui, nota-se que a economia criativa começa a entrar na pauta de candidatos e governos. Pena que avance tão pouco e que ainda sigamos modelos importados, que não se aplicam ao nosso cenário. Seguem algumas sugestões de estratégias na esfera pública para que a economia criativa cumpra seu papel como motor de desenvolvimento sustentável.

• **Convergência.** Planejamento e gestão devem ser feitos de forma integrada, unindo várias pastas, como Planejamento, Ciência e Tecnologia, Relações Interiores, Cultura e outros. Para isso, são necessários instrumentos de governança, instâncias de tomada de decisão e gestão como Agência de Desenvolvimento ou Agência de Sustentabilidade que “orquestram” a ação integrada (e têm um plano técnico e de longo prazo, que não pode ser mudado com novos governos). Para nos orientarmos, precisamos de duas coordenadas que se cruzam e nos localizam. Seguem alguns pares interessantes.

• **Visão sistêmica: hardware + software.** Considerar não apenas a parte “hardware” (estrutural, recursos materiais, tangíveis, ecossistemas ambientais), mas, principalmente, o componente “software” (processos, recursos humanos, intangíveis, ecossistemas socioculturais). Exemplo: os processos de restauro e revitalização geralmente contemplam apenas o estrutural, as obras arquitetônicas. E tendem a fracassar, pois não têm o “software” – a parte humana, os processos ligados à educação, à geração de conteúdo e de renda, à mudança de mentalidade. Neste sentido, são assustadoras as perspectivas em relação ao que está sendo pensado para a Copa do Mundo e Olimpíadas – “hardwares” caríssimos que tendem a deixar pouco além de enormes dívidas.

• **Setorial + territorial.** Tradicionalmente, a economia criativa é organizada e fomentada em setores (audiovisual, moda, artes plásticas etc.). Problema 1: está cada vez mais claro que a chave está no local, no território;

é aí que o desenvolvimento pode acontecer. Problema 2: o futuro está na economia de nicho, onde muitos e diversos produzem para muitos e diversos. Ocorre que o “blend” que diferencia e gera valor de cada criativo, coletivo, empresa ou município é uma mistura de setores. Problema 3: o futuro não é setorial, pois os limites entre as linguagens e área serão cada vez mais difusos. Problema 4: metade dos municípios do Brasil tem até 10 mil habitantes, fica difícil pensar em estratégias setoriais quando a escala é pequena.

• **Produção + circulação/promoção.** As políticas geralmente dão apoio a produtos (e não a processos), ou seja, apenas à produção. Mas o maior investimento deveria ser feito nos pontos de gargalo de todas as áreas da economia criativa: circulação (ser distribuído) e promoção (ser visível e desejado). Garantir a circulação e visibilidade, resulta em produção (vide o caso do Circuito Fora do Eixo – <http://foradoeixo.org.br/>).

• **Transdisciplinar, multifuncional.** Este é o conceito que deveria orientar tanto a formação de novos profissionais – pois precisaremos muito de profissionais “modem”, que dominem várias disciplinas, conectando linguagens e áreas diferentes – quanto da criação de espaços públicos, que devem ser pequenos, adaptáveis, multifuncionais, o que permitiria otimizar recursos, espaço e tempo.

Formular política que atenda a estes quesitos é possível e já foi feito: um exemplo? Os Pontos de Cultura/ Programa Cultura Viva, criado por Célio Turino, um dos conceitos mais em sintonia com o futuro que conheço e espero que tenha continuidade (www.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura/).

Agora, resta aos nossos líderes não perder o bonde da história, o que acontecerá se continuarmos com políticas e economia ainda com cara de “milagre brasileiro”, anos 1970, indústria de commodities...

Vamos avançar para o século XXI? X